

TICs na Educação: multivisões e reflexões coletivas

*Profa Dra. Adriana Azevedo**

*Alda Mendes Baffa***

*Anália Cristina Pereira Ramos****

*Andréa Lopes Pinheiro****

*Denise de Almeida***

*Denise de Almeida Ostler***

*Gisela de Barros Alves Mendonça****

*Keiti de Barros Munari****

*Luciene Domenici Mozzer****

*Lucivânia Antônia da Silva Périco****

*Márcia Valéria Chagas Magalhães****

*Patrick Vieira Ferreira***

*Rosa da Cunha Barbosa Giannotti*****

*Vivian Aparecida Vetorazzi Saragiotto****

Resumo

Este artigo, escrito de forma colaborativa, aborda reflexões acerca do uso da tecnologia nas práticas educativas e da sua importância frente ao atual contexto social. A escola, como instituição disseminadora do saber, deve assumir o seu papel e possibilitar aos educandos a oportunidade de um aprendizado mediado pela tecnologia, a fim de que possam explorar as

* Docente PPGE da Universidade Metodista de São Paulo, disciplina **Tecnologias de Informação e Comunicação: teoria e práticas educativas**. Coordena o Núcleo de Educação a Distância e é docente do curso de Pedagogia EAD da UMESp. adriana.azevedo@metodista.br.

** Doutoranda em Educação pela UMESp.

***Mestrando(a) em Educação pela UMESp.

****Aluna especial PPGE UMESp.

suas potencialidades e construir um aprendizado significativo e consoante com a sua realidade.

Palavras-chave: educação; tecnologia; cibercultura; letramento.

Abstract

This article, written of a collaborative way, broach reflections about of use of technology in the educative practices and its importance front the current social context. The school, like an organization of dissemination of knowledge, must take over his hole and possibility to the students the opportunity of a learning mediate by technology, with the purpose to explore their potentialities and build a meaningful knowledge according with their reality.

Keywords: education; technology; cyberculture; letramento (learning);

Resumen

Este artículo, escrito de horma colaborativa, hace reflexiões sobre el uso de las tecnologías en las prácticas del educación y de la suya importância frente del actual contexto social. La escuela, como institución que difunde el saber, debe hacer su función y posibilitar a los alumnos la oportunidad de una aprendizaje mediada por la tecnología, para explotar sus potencialidad y construcción de uno aprendizaje con significación con su realidad.

Palabras clave: educación; tecnología; cibercultura; letramento.

Introdução

A disciplina Tecnologias de Informação e Comunicação: teoria e práticas educativas, ministrada pela Prof.^a Dra. Adriana Azevedo, no primeiro. semestre de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de São Paulo, teve por objetivo discutir as possíveis relações entre o aprender e o ensinar para transformar, envolvendo os meios de comunicação e a tecnologia. Foi analisada a presença da tecnologia no cotidiano da sociedade e o seu potencial na realidade educacional brasileira.

A incorporação de recursos de tecnologia digital na educação é objeto de investigação não apenas como um meio para

ensinar conteúdos específicos das disciplinas, mas principalmente pelos processos cognitivos, sociais, colaborativos e, também, afetivos que podem potencializar.

Nesse sentido, no âmbito da disciplina, realizamos discussões e reflexões, a partir de propostas de teorização das práticas envolvendo o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na educação em ambientes de aprendizagem virtuais ou presenciais, usamos como referência uma quantidade significativa de textos e autores que tratam dessa temática, como: Sacho (1998); Demo (2003); Santos (2011); Vilarinho, Fontoura e Silva (2011); Moraes, Pesce e Bruno (2008); Alves, Valente e Almeida (2007), Santana, Rossini e Pretto (2012), entre outros.

Os alunos da disciplina puderam visualizar, analisar e compreender o contexto educacional que se coloca à nossa frente em tempos em que a tecnologia se espalha e influencia quase todas, senão todas, as dimensões da nossa vida e do nosso cotidiano.

O texto aqui apresentado explicita o que foi discutido durante os encontros presenciais da disciplina, os relatos de experiências dos próprios pós-graduandos e a construção do artigo traduz a potencialidade que tais ferramentas podem vir a ter no processo educativo, pois, mesmo após o término das aulas e sem nenhuma obrigatoriedade ou avaliação vinculada ao processo, os alunos se dispuseram a escrever e relatar por meio de um texto coletivo as reflexões e os desafios que as discussões evocaram.

O processo de co-criação e colaboração que tanto discutimos em nossas aulas está aqui ampliado e materializado. Boa leitura!

Educação e tecnologia: o papel da escola na atualidade

A modernidade marcou o mundo atual com uma característica que influenciou e se tornou muito presente no ambiente educacional: a tecnologia. O avanço tecnológico ao redor do mundo e em todas as áreas de atuação da sociedade aconteceu de uma maneira muito rápida. No Brasil, foi a partir dos anos 90 que as novas tecnologias tornaram-se disponíveis, revolucionando os formatos de interação entre as pessoas, estabelecendo

contatos rápidos e globalizados, formando comunidades que trocam informações e diversas formas de conhecimento.

Nesse contexto, encontra-se a escola. Uma instituição consolidada, no século XIX, como sendo o lugar onde deveria ocorrer a sistematização do “conhecimento historicamente acumulado” (PARO, 2006). Desde então a escola tem exercido seu papel, porém utilizando, muitas vezes, das mesmas posturas e técnicas historicamente concebidas.

Contudo, o perfil dos alunos que hoje estão inseridos nas escolas é bem diferente daquele dos que inauguraram os bancos da instituição no século XIX. O aluno contemporâneo é aquele que convive, em sua maioria, em lares com os meios de comunicação que estão constantemente em avanço. Seja a televisão, os computadores nos seus vários modelos, a internet, a rede sem fio, entre outros, compõem um ambiente que educa, despertando a inteligência coletiva, a troca de saberes, que, segundo Trivinho (2007), consiste em uma convergência de formas culturais e tecnológicas. Por essa razão, é necessário que novos paradigmas educacionais sejam discutidos e repensados para que a escola possa acompanhar a visão de mundo complexa e sistêmica que a modernidade inaugurou.

As tecnologias educacionais hoje disponíveis permitem a troca de conhecimentos em rede, onde a autoria está aberta e disponível a todos, permitindo o fazer criativo, a invenção e a exposição de pensamentos, sem medo de errar e dispostos ao diálogo. Em matéria de tecnologias, os alunos estão preparados para usá-las. E os professores? Estão prontos para encarar mudanças e desafios que provocarão alterações nas suas práticas pedagógicas? Estão dispostos a buscar formação continuada, nesse sentido?

Moreira e Kramer (2007) fizeram quatro apontamentos que incidem, em primeiro lugar, no processo da globalização educativa; em segundo, na abordagem de questões de qualidade e relevância educacional na esfera tecnológica; em terceiro, os autores destacam o mundo contemporâneo e o impacto da tecnologia nas escolas; por fim, os desafios na formação dos professores, bem como na gestão da escola.

Os autores deixam claro o processo de globalização e seus efeitos na educação. Embora a palavra globalização pareça desgastada pelo uso contínuo, ela corresponde à difusão de um discurso neoliberal, mas, sobretudo, esse vocábulo também está associado ao surgimento de novas tecnologias da informação e comunicação que socializam saberes e, em último caso, correspondem às mudanças decorrentes de regras globais.

Se levarmos em consideração que globalização está associada a aspectos sociais, políticos e culturais, ela está definida como uma arena de lutas que ultrapassam fronteiras. Nesse sentido, faz-se necessário reinventar a escola, ao estimular o professor por diferentes meios, e adaptar-se às circunstâncias variáveis, substituindo-as por novas formas de promover o trabalho docente.

A questão levantada pelos autores traz a reflexão de que escola não pode ser entendida como um sistema empresarial. Tal procedimento dizima a inteligência como um instrumento para o alcance de um dado fim, sendo o currículo pedagógico restrito às ciências e às aptidões aplicáveis ao setor corporativo. Nesse processo, os saberes são totalmente negligenciados.

Em nossa percepção, muitas vezes, no senso comum, fala-se em cultura brasileira como se existisse uma única cultura, no singular. Esse conceito é resultante de uma metodologia de homogeneização, de unificação cultural que, na prática, é nada mais que uma imposição de uma cultura sobre outras expressões culturais. Nessa visão, não problematizadora, haveria uma nação brasileira com uma identidade étnica nacional, o que pode trazer esquecimento, indiferença ou exclusão do outro.

Para se alcançar uma educação de qualidade nas escolas, a sociedade precisa passar por profundas e significativas mudanças que perpassam pelas condições adequadas de trabalho, conhecimentos e habilidades relevantes com estratégias tecnológicas que facilitem o ensinar e o aprender. Entre os muitos desafios da educação contemporânea, um dos que mais se afigura é a formação de um profissional preparado para atuar com as novas tecnologias. Se, de um lado, as tecnologias favorecem um maior número de leitores e escritores no sentido da democratização e inclusão do

saber pedagógico, de outro, tal proliferação textual pode se tornar obstáculo ao conhecimento ou à fidelidade da escrita.

Precisamos de gestores e professores que possam pensar em uma nova escola, fazendo uso e acompanhando as inovações e tendências tecnológicas aplicadas à educação, procurando conhecer também quem é seu aluno-sujeito.

Que noção de “linguagem” tem o professor que usa as TICs, quando elabora suas aulas? Que noção de sujeito ele tem, quando usa as TICs? Um sujeito datado em um contexto sociocultural específico, constituído por uma linguagem aberta, que o faz criticar, argumentar, opinar?

Sabemos que quando o assunto é tecnologia o professor deve recriar suas práticas, refletir sobre o potencial comunicacional e pedagógico do ambiente virtual de aprendizagem baseado nos conceitos de interatividade e afetividade. Refletir sobre suas práticas é também “abrir os olhos” em relação ao tipo de sujeito que o professor forma, com grandes laços de afetividade, interatividade e dialogicidade.

Conhecer o “outro”, sua cultura, seus conhecimentos prévios. Daí a importância do diálogo, de uma linguagem aberta, que aceite e acolha a opinião do aluno, para a construção de novos conhecimentos, porque só o professor, do seu lugar, pode ver seu aluno como um todo e lembrar sempre que esse sujeito é constituído por palavras. Por isso, as palavras do professor devem ser amorosas, construtivas, que colaborem na formação desse sujeito a caminho de sua construção como ser pensante e falante, seja qual for a tecnologia usada.

Informação/Instrução

Indo ao encontro da visão de Cortella (2002), de que o conhecimento é algo relacionado à construção social, histórica e cultural do ser humano e, trazendo à tona a facilidade de acessos tecnológicos que crianças e jovens atualmente dispõem para o uso pessoal ou coletivo, observa-se nessa relação uma oportunidade de um ganho favorável de resultados de maior sucesso nas práticas dos processos educacionais, tal observação é dirigida tanto no que diz respeito a cursos presenciais quanto

de ambientes virtuais. Nesta ocasião, vincula-se mais a questão abordada em ambientes virtuais, pois se pretende aqui elencar alguns fatores que dizem respeito às questões sociais que essa relação de conhecimento como construção e uso de tecnologia poderiam contribuir para resultados mais favoráveis, ambos no sentido social do desenvolvimento.

Atualmente, estamos inseridos em um momento histórico que podemos classificar como “era midiática” em que a busca pela construção de valores segue adiante e se mantém, como há gerações, embasada no contexto cultural no qual estamos inseridos. No campo da educação, as ferramentas tecnológicas podem nos proporcionar uma maior interatividade social, permitindo-se assim serem criadas culturas, ou como destacam Valente e Almeida (2007, p. 128), “produzirmos humanidade”. Em outras palavras, se houver a capacidade de se colocar em prática competências específicas (de mediação reflexiva), que diferenciam o educador que faz uso da tecnologia em sua prática docente daquele modelo instrucionista do ensino, poderemos atingir um processo de democratização do saber em que o acesso às informações propiciado pela tecnologia permite não só a transferência, mas também a construção de bases informativas, unindo assim cultura e conhecimento, ou seja, crescimento.

Cultura, cibercultura e ciberespaço

A cultura, uma decorrência de valores, princípios, conhecimentos científicos e humanos traz para os povos inovações, mudanças e transformações sociais, por vezes radicais, nos valores e princípios até então tidos como verdadeiros e únicos.

Por exemplo, a Revolução Industrial trouxe grandes mudanças para a humanidade; as grandes guerras (1914-1918 e 1939-1945) eliminaram para os povos costumes arraigados a cada civilização que necessariamente evoluiu ou se adaptou à nova realidade, obrigando-se ao conhecimento de novos recursos que permitem ao indivíduo acompanhar o galope das transformações, “modus vivendi”, demarcando sempre uma nova era.

O avanço das tecnologias tem provocado alteração nos comportamentos e nas formas das pessoas se relacionarem com

as outras e com o mundo. A convivência com a cultura digital no ambiente educativo vem provocando uma reestruturação nos processos de aprendizagem, pondo em questão os métodos pedagógicos até então utilizados. Castells (1999) admite que tais mudanças vêm ocorrendo desde o final dos anos 60 e meados da década de 70 e, de uma forma galopante, nos séculos XX e XXI, quando o ciberespaço passou a permitir uma conexão instantânea com o mundo.

Barbero (2006) e Morrissey (2008) destacam que não é mais possível ignorarmos as TICs, elas devem ser integradas ao cotidiano escolar, favorecendo o desenvolvimento da criatividade, da invenção, da troca de conhecimentos entre professores-alunos e alunos-alunos, garantindo um processo de ensino-aprendizagem mais efetivo.

Embora não sendo mais possível ignorarmos as mudanças advindas da efetiva inserção das TICs, cabe indagarmos se nossas escolas e professores estão preparados para atuar de forma eficaz com os alunos em um cenário onde tais tecnologias impactam no campo educacional.

É interessante mostrar a discussão de Edmeia Santos (2009) no texto “Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura”, no qual fizemos alguns apontamentos recorrendo às nossas experiências como educadores e protagonistas de um cenário educacional baseado no fenômeno da cibercultura.

A autora enfatiza o potencial comunicacional e pedagógico do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) e suas interfaces na promoção de conteúdos e situações de aprendizagem baseadas nos conceitos de interatividade e hipertexto.

Segundo Santos (2009), constatou-se em pesquisa que avaliou oito cursos on-line, que esses poderiam potencializar o ensino-aprendizagem mais interativo, porém, a maior parte dos cursos centrava-se em uma pedagogia da transmissão, na lógica da mídia de massa, na autoaprendizagem e nos modelos de tutoria reativa.

Nesse sentido, este grupo de autores identificou alguns aspectos citados na pesquisa de Santos e percebe que o ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Quando

utilizamos as interfaces podemos co-criar informações e conhecimentos. Esta co-criação, chamada por Pierre Lévy (1996-1999) de “inteligência coletiva”, se materializa na música eletrônica, nas lan houses, nos softwares livres e ativismo digital, ou seja, como educadores, precisamos reconhecer essa pluralidade de interfaces que pode nos permitir experiências significativas e diferenciadas de ensino-aprendizagem.

Percebe-se que, nesse contexto sociotécnico, a ambiência cultural dá origem ao que se denomina cibercultura (LÉVY, 1999; LEMOS, 2002; SANTAELLA, 2002). É possível ter educação de qualidade presencial, a distância, on-line e em desenhos híbridos. Na tentativa de resolver a problemática das interações entre os sujeitos do processo educativo, a EaD trouxe consigo um efeito não buscado, ou seja, explicitar que não é o ambiente on-line que define a qualidade da educação, mas sim a atuação desses sujeitos no ambiente on-line é que pode garantir a interatividade, a colaboração e a co-criação.

Educação on-line, mediação pedagógica e afetividade

Dando destaque, inicialmente, à compreensão do que vem a ser educação on-line, Santos (2009) afirma que “A educação online é o conjunto de ações de ensino-aprendizagem ou atos de currículo mediados por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas e hipertextuais [...]” (p. 5.663).

Com isso, podemos notar que a educação on-line, na perspectiva de Santos (2009), é toda ação de ensino-aprendizado que usa como recurso qualquer interface digital. Vale ressaltar que nos dias atuais existe na sociedade, como um todo, um grande aumento no uso desses recursos, promovendo cada vez mais a difusão dessa modalidade de ensino.

Em princípio, precisamos ter em mente que, para o bom funcionamento e aproveitamento de todos que estão envolvidos nesse processo educativo, existe a necessidade de gerar “laços” de afetividade. Esse procedimento, quando se faz uso da mediação tecnológica, é fundamental, pois o “sujeito” deve se sentir parte integrante desse processo que ele está vivenciando. Por

meio da afetividade, o aproveitamento e a participação no decorrer do curso tornam-se mais produtivos por parte dos alunos e de todos os que estão envolvidos no processo de construção do conhecimento.

De acordo com Masetto (2000), o conceito de mediação pedagógica pode ser traduzido como atitude ou comportamento do professor como agente perturbador e motivador da aprendizagem do aluno, revela os movimentos que emergem nas relações de ensino-aprendizagem, indicando que, para que ela aconteça, é preciso que haja co-determinação entre os atos de ensinar e os de aprender. A mediação assim compreendida implica intencionalidade clara por parte do professor e o conhecimento das possíveis inter-relações que envolvem os processos de aprendizagem no que se refere aos aspectos cognitivos, afetivos, emocionais e contextuais. Mediação pedagógica requer flexibilidade estrutural de ambas as partes e abertura às manifestações que acontecem nos processos de transformações, a partir de uma postura reflexiva que emerge tanto por parte do aluno como por parte do professor.

Essa mediação citada nos remete claramente ao princípio da afetividade, pois os agentes inseridos nesse processo de ensino-aprendizagem precisam estar envolvidos para que essa postura reflexiva gere êxito e não fracasso por parte dos alunos.

Outra questão de muita valia é a linguagem emocional utilizada pelos mediadores, todos precisam estar atentos, pois é por meio dessa linguagem que podem ser construídos abismos ou pontes que impactarão diretamente na percepção do aluno ao sentir-se membro desse processo, evitando assim o fracasso e o abandono por parte do estudante. A falta dessa afetividade gerada por ausência de estímulo à participação dos alunos no processo de ensino-aprendizagem desejado pode gerar uma série de problemas.

Quando os alunos não criam esses vínculos, ou seja, quando não têm o estímulo necessário, gera-se a falta de interesse para com o curso/módulo, a tendência é que eles, por conta desse desinteresse, se ausentem e não façam mais o curso, podendo ser essa uma das causas da grande evasão em cursos on-line.

Uma das estratégias a ser aproveitada e utilizada de forma única na modalidade de ensino a distância, que pode gerar ganhos importantíssimos com relação a manter entre todos os envolvidos nesse processo um grau de afetividade, é a questão da localização geográfica distinta. Esse fato nos remete a ter no mesmo curso, módulo e momento, alunos de culturas diferenciadas, com vivências e expectativas de vida diferentes. Gerar afinidades e trocas de experiências, nesse sentido, nos garante bons resultados na construção do conhecimento. Conhecer o outro, sua cultura, seu conhecimento prévio e de mundo e sua comunidade local é de fundamental importância para o bom desempenho e para o conhecimento de novas maneiras de lidar com o assunto tratado como um todo. Estabelecer novos vínculos por meio de um aprendizado do mesmo conteúdo de forma diversificada a partir da experiência e conhecimento de mundo do outro. Por intermédio da convivência se cria um vínculo entre os membros dessa modalidade de ensino, que mesmo a distância propicia o conhecimento mútuo entre todos os inseridos nesse processo. A partir daí, caracteriza-se o vínculo e a criação de um grau de convivência e, com isso, gera-se a afetividade onde todos se sentem parte importante e estão totalmente inseridos no processo de ensino-aprendizagem proposto.

Com isso, podemos dizer que existe a possibilidade e principalmente a necessidade da afetividade na educação que faz uso mais intensivo da mediação tecnológica. Cabe aos profissionais inseridos nesse processo a busca por integrar cada vez mais seus alunos de modo que todos se sintam coautores, colaboradores, participantes ativos dos processos educativos.

Presencial ou virtual: duas dimensões da mesma questão

Considerando que a escola reflete o contexto social no qual está inserida, também partilha da necessidade de se pensar esse “novo tempo”, buscar compreendê-lo e contribuir com a formação dos aprendizes, para a vida em sociedade, no início do século XXI.

Mas, como trabalhar com as tecnologias que parecem transformar as práticas de ensino em algo fictício, imaterial, não atual e irreal? Segundo Demo (2003), essa é uma compreensão equivocada:

[...] o contrário de virtual é físico, e nem por isso é menos real. O ciberespaço não tem materialidade, a não ser a base física dos computadores interligados, sendo algo soberbamente real, onde é possível amar, emocionar-se, odiar, apresentar-se, fraudar-se, deturpar-se. A realidade virtual não foi descoberta agora, sempre foi parte da realidade [...] (p. 85).

Isso posto, podemos afirmar que, certamente, as mesmas questões e desafios do ensino presencial aparecem também na EaD, embora num novo cenário, numa nova roupagem, mas numa mesma essência e nos desafiando e inspirando a buscar respostas e práticas que deem conta de alcançar os objetivos aos quais nos propomos quando nos colocamos diante ou ao lado de um grupo de aprendizes: compartilhar e construir conhecimento e facilitar a aprendizagem do outro, ampliando nossos saberes, saberes de docência.

Diante desse novo cenário educacional, onde novos paradigmas surgem a todo instante, é preciso que os educadores repensem a prática, bem como os processos de ensino-aprendizagem, procurando criar novos caminhos.

Nesse contexto, a tecnologia no século XXI tem proporcionado o nascimento de novas maneiras de nos organizarmos e comunicarmos. Hoje, podemos nos relacionar de forma colaborativa através das redes sociais. Quando olhamos para o ambiente educacional podemos produzir, colaborativamente, materiais que podem ajudar no processo ensino-aprendizagem. Entretanto, com este “novo pensar e agir”, vivenciamos a necessidade de revermos as competências e habilidades necessárias aos docentes para lidarem com esses desafios.

Diante desta perspectiva, Pretto (2010) faz uma comparação das habilidades dos hackers, pessoas que burlam sistemas operacionais de maneira incorreta, com as competências necessárias aos professores. De acordo com o autor:

Uma das importantes características do hacker é justamente a de gostar do que faz e de ser criativo, gostar de explorar e investigar e, para o nosso caso, o mais importante, gostar de compartilhar as suas descobertas com seus pares. É preciso compreender a dimensão das tecnologias no “ecossistema pedagógico” (p. 97).

Na tentativa de criar condições para que o conhecimento circule de maneira livre e colaborativa nesse espaço educacional, os professores têm a missão de proporcionar esta ação transformadora, gerando ambientes capazes de produzir e difundir coletivamente o conhecimento. E, assim, formar cidadãos críticos e autônomos da sua própria aprendizagem.

Letramento digital e língua materna

Ponderando a respeito de aspectos já levantados, como a necessidade da formação docente, as possibilidades de aprendizado proporcionadas pelo uso da tecnologia na EaD e na educação presencial, as potencialidades da cibercultura e a questão da construção da afetividade em espaços virtuais de aprendizagem, vale destacar mais uma faceta das tecnologias digitais: a descentralização das informações que possibilita a equiparação entre educador e educandos no que diz respeito ao acesso aos conteúdos, pois com a internet esses estão ao alcance de todos. Assim, o professor deixa de ser o detentor do saber, passando a vestir outra roupa: a de mediador. No entanto, esse novo papel não diminui a sua importância, pois o acesso à informação nem sempre significa aquisição e construção do conhecimento.

A escola torna-se espaço de mudanças significativas no perfil social, pois os docentes e discentes são também cidadãos. Dessa forma, será necessário assegurar que estudantes e professores criem seus textos e materiais de estudo, com base na leitura, análise e interpretação dos meios, canais e suportes de comunicação, na condição de protagonistas, ativos, e não apenas como consumidores de textos e reprodutores dos materiais produzidos por terceiros (FIORENTINI, 2003, p. 16).

Porém, esbarra-se num obstáculo: alunos de uma geração e professores de outra. Nesse contexto, a metáfora construída por Marc Prensky (2001) a respeito dos “nativos digitais” – alunos – e dos “imigrantes digitais” – professores – faz muito sentido, quando trazida para a realidade cotidiana das escolas, o que gera uma problemática para os docentes, já que muitas vezes os estudantes utilizam com mais facilidade a tecnologia que seus educadores. Numa perspectiva ultrapassada, em que o professor é o detentor do saber, ter o aluno como alguém que tem mais conhecimento em determinada área que seu mestre constitui um paradigma ainda a ser quebrado.

Adequar-se ao novo cenário requer do docente a adoção de novas práticas e o constante aperfeiçoamento, esbarrando mais uma vez na questão da formação docente. “Afinal, o professor é um profissional do qual se exige muito mais que seguir receitas, guias e diretrizes, normas e formas como moldura para sua ação, pois é sujeito protagonista e assumi-lo produz mudanças de perspectiva” (FIORENTINI, 2003, p. 17). Quando o assunto é tecnologia, não há fórmula. O professor deve recriar suas práticas, por meio das vivências diárias, das experimentações de uso da tecnologia nas suas atividades, pois somente por meio da prática é que o docente poderá verificar quais métodos funcionam ou precisam ser melhorados.

A partir dessa experiência de troca de conhecimentos e utilização dos saberes técnicos dos alunos o professor aprimora suas práticas e aprende ensinando. Cria-se um ambiente colaborativo e de crescimento mútuo dos sujeitos envolvidos.

Cada vez mais alinhada às necessidades da sociedade contemporânea, a educação tem buscado o desenvolvimento das competências e habilidades. A esse respeito, no tocante ao desempenho linguístico dos usuários em ambientes virtuais, muitas são as críticas negativas de professores de Língua Portuguesa que veem a internet e, em particular, as redes sociais como obstáculos. O “internetês” (MARCONATO, 2010), como é conhecida a linguagem típica e abreviada usada por internautas para se comunicar nas redes sociais, tem sido visto como um “vilão” no que tange ao uso do idioma nesse ambiente.

Muitos responsabilizam a internet pelo precário domínio que os jovens têm da norma culta e pela baixa qualidade das produções textuais dos estudantes, ignorando que é a adequação linguística que deve preponderar. O mais importante não é o falante dominar a norma culta, mas saber fazer uso dela quando for o momento oportuno.

Evanildo Bechara (2007, p. 14), referência no ensino da gramática normativa, afirma que “a grande missão do professor de língua materna (...) é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação”, assim, não faz sentido a posição ferrenha de alguns professores de português que deixam de lado os diversos contextos comunicacionais abertos pelas novas tecnologias e insistem que o papel da escola é ensinar apenas a norma culta, e que o bom falante é aquele que a emprega.

Vale destacar que o ser humano é um ser comunicacional; sua comunicação, no entanto, não se restringe apenas ao uso de palavras do nosso vernáculo (comunicação verbal), ele pode se comunicar por gestos e imagens (comunicação não-verbal) ou até mesmo pelo silêncio. Portanto, restringir a boa comunicação apenas à gramática prescritiva é ignorar a realidade da língua, que se renova a cada uso, e a carga cultural que ela carrega, uma vez que a língua é a identidade do povo, na medida em que reflete as escolhas vocabulares do grupo e daquele contexto histórico. O uso que os jovens fazem da língua nos ambientes virtuais hoje constitui um registro que nos possibilitará estudar e compreender as mudanças ocorridas na língua amanhã.

Além disso, nos múltiplos usos da internet por adolescentes é possível observar que é frequente a prática de leitura e escrita nos ambientes on-line: troca de e-mails, download de livros, pesquisas escolares e mensagens em grupos sociais. É perceptível a criação de uma nova prática de leitura e escrita, diferente da escolar e da impressa, como resultado, há uma escrita híbrida, uma vez que está permeada pela oralidade. Esse novo gênero textual, por sua dinamicidade, exige também uma nova forma de registro, justificando-se assim o chamado “internetês”, que embora criticado, está adequado ao gênero discursivo próprio desse meio.

Nesse quebra-cabeças, os letramentos, também chamados de “multiletramento” (ROJO, 2009) ou “letramento digital” (COSCARELLI, 2005), são peças chave. “Letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 1998, p. 72).

Assim, conduzir o aluno para que desenvolva a sua escrita em ambientes virtuais passa a ser mais uma função do professor e um dever da escola, pois a falta de domínio dessa linguagem pode levá-lo à exclusão.

Uma vivência do uso da tecnologia na educação

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão... “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado [...] Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já, não valem” (FREIRE, 1987, p. 39).

A leitura é uma forma de humanizar as pessoas, é também ato político que o educador deve buscar sempre como um ponto de partida e de chegada, principalmente, quando sentimos falta de algum caminho para enfrentar os dilemas da sala de aula, oriundos da sociedade onde vigoram a dominação e a desumanização, em que o consumismo vem ditando regras, evidenciando-se em diversos conflitos não resolvidos, chegando à sala de aula. Como educadores, muitas vezes, buscamos soluções que estão muito além de nossa capacidade. E, por vezes, nos sentimos solitários quando pensamos que devemos encontrar um caminho para intervir de maneira eficaz na aprendizagem, para o bem de nosso aluno, e de nós mesmos.

Partindo do pressuposto de que “viver é caminhar” e que “caminhar supõe um caminho”, trilhar caminhos que possam nos levar a uma transformação socioeducativa dos sujeitos inseridos na escola é um dos nossos maiores desafios.

A adoção das ferramentas digitais na sala de aula tem sido uma grande barreira para muitos professores em épocas de constantes transformações, que exigem dos docentes uma velocidade na adaptação ao uso da tecnologia em relação à qual nossos jovens aprendizes já saíram na frente. Contudo, chegamos a um estágio em que não nos é permitido recuar, porém, abandonar as antigas práticas com quadro-negro, giz e livro didático não é tarefa simples, mas é urgente. Ousar, buscar práticas diferentes é complexo porque não temos a mesma facilidade que os nossos alunos têm com o uso das ferramentas tecnológicas, nem ao menos temos a certeza de que os métodos que escolhemos terão êxito, sendo assim, precisamos assumir riscos de nos depararmos com o inesperado.

Se, por um lado, estarmos diante do novo é o que mais nos assusta e nos inquieta, pois nos tira o porto seguro ao qual estávamos acostumados; por outro, nos choca quando nos deparamos com a apatia dos adolescentes frente a alguns letramentos privilegiados pela escola, que corre o risco de se distanciar cada dia mais da realidade dos jovens. E é sobre esse choque e esse embate que a escola precisa se atentar, caso contrário, corre o risco de passar em branco frente a essa geração, que está crescendo e interagindo através das tecnologias digitais e mídias o tempo todo, sem fronteiras e, muitas vezes, sem nenhum tipo de barreira e orientação.

Refletir sobre nossas práticas é também abrir os nossos olhos em relação ao tipo de leitor e cidadão que ajudamos a formar. É nossa responsabilidade trilhar caminhos que nos aproximem mais desse linguajar juvenil e desse mundo das tecnologias, fisingando, assim, momentos mais frutíferos para o ensino-aprendizagem, deflagrando para ambas as partes, experiências de incentivo à leitura, à pesquisa e à produção textual amplamente significativas e dialógicas.

Partindo do pressuposto de que as ferramentas digitais estão para ser usadas como estímulos a outras leituras e posteriormente a produções textuais, uma vez que servem para o aumento da bagagem cultural do aluno, possibilitando alternativas de trabalho conjugado, desenvolveu-se um trabalho

conjunto buscando outras práticas de letramento nas quais os alunos tivessem a possibilidade de transitar por estilos musicais, literários, artísticos e digitais, unindo assim múltiplas linguagens, e ao mesmo tempo abrindo espaços de interatividade na sala de aula onde todos pudessem aprender juntos, saindo da condição de meros receptores de textos multimodais para uma participação mais crítica.

Pedro Demo (2003, p. 78) aborda os modos sobre os quais se dá a educação. Para ele há duas vertentes: uma que defende que a educação se dá via fatores externos, então, vinda de fora para dentro; e a outra que vem de dentro para fora. Assim, se pensarmos no exemplo da tarefa docente, quando um professor provoca ou motiva determinada situação de aprendizagem, acaba conduzindo o aprendiz a reagir “de dentro para fora” e buscar outra postura. Sem essa influência, o fenômeno social da aprendizagem não ocorreria. Toda essa discussão nos revela o contexto dialético da educação.

Em outras palavras, só onde for possível esse processo de trocas é que se ampliará o conceito de letramento escolar e digital com as urgências que a contemporaneidade requer.

De acordo com Paulo Freire (1997), a leitura é uma habilidade humana que precede a escrita – só pode ser escrito o mundo que foi anteriormente lido. Partindo dessa premissa, desenvolveu-se com os alunos do Ensino Médio, da Escola Estadual São Francisco de Assis, no Guarujá-SP, um trabalho denominado “a música de ontem, de hoje, de sempre e de todos os cantos”, buscando motivar os alunos para a escrita de texto que representasse a influência da música em nossa vida, num concurso de redação para os Correios, sugeriu-se que eles efetuassem uma pesquisa sobre os diferentes estilos musicais.

A proposta era organizar as informações em power point para a apresentação aos demais. Em cada trabalho, deveria constar de cinco a dez estilos, todos exemplificados com a música para que os colegas pudessem ouvir e, ao mesmo tempo, ler na tela a letra da canção.

Um segundo passo, era uma pesquisa na comunidade para saber quais estilos eram mais prestigiados e, por último, foi

pedido que colocassem em power point um poema de escolha livre, que tivesse alguma relação com as letras escolhidas com o objetivo de reunir a linguagem musical com a literária.

A atividade foi muito enriquecedora e possibilitou que se observasse como a tecnologia pode tornar a aula mais dinâmica, fazer do ato de pesquisar algo mais prazeroso, envolver os alunos e fazer da educação um processo contextualizado com a realidade de cada um.

Utilizar as ferramentas digitais na sala de aula tem sido um grande desafio para os professores em épocas de constantes transformações, que exigem do educador uma nova postura frente ao processamento de tantas informações pelo nosso aluno. Chegamos a um estágio em que não nos cabe recuar, nem restringir nossas aulas às antigas práticas do quadro-negro e giz e, quando muito, o livro didático.

Para finalizar, sem concluir a discussão

Estamos diante de um novo cenário educativo em que se exige um reposicionamento da escola frente às exigências de seu alunado. No desempenho do papel social a ela atribuído, a escola não pode negar aos educandos a inserção no mundo virtual, sob pena de ferir um dos direitos adquiridos por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que assegura, entre outros, o direito a uma educação de qualidade, que, nesse âmbito, deve incluir a inserção tecnológica como parte essencial da formação cidadã.

A cibercultura tem valorizado o conhecimento prévio dos alunos e feito dos espaços virtuais ambientes de troca, de colaboração, de construção e de enriquecimento mútuo. Tais desdobramentos dos ambientes digitais trazem para os usuários possibilidades infindáveis de expressão, de ressignificação e de aprendizado que devem ser valorizadas pela escola.

Mesmo esbarrando nas dificuldades de formação docente, não é possível ignorar a realidade da nova geração de alunos que incorpora cada vez mais a tecnologia ao seu dia a dia. Para atingir esses jovens, o professor precisa inteirar-se da sua realidade, principalmente fazendo uso de recursos que lhes são próximos.

O desafio não está em conhecer os recursos tecnológicos e aprender a manuseá-los, mas recriar uma metodologia que não apenas use tais recursos como uma transposição do tradicional para o digital, mas que de fato aproveite as diversas ferramentas e construa um aprendizado em que o aluno interaja, receba e partilhe o conhecimento, saiba fazer uso da informação de maneira a construir autonomia e autoria.

Assim, além de atender às necessidades de aprendizado dos alunos, a escola precisa inserir e fazer uso das TICs de forma a prepará-los também para atuar no mundo, uma vez que as TICs estão presentes em todos os lugares e segmentos da nossa vida atual, pois privar os alunos desse acesso significa limitar a sua formação e a sua atuação no mundo.

Referências

ALVES, A. C. T. P. EAD e a formação de formadores. In: VALENTE, A.; ALMEIDA, M. E. B. **Formação de Educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007.

BARBERO, J. M. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

BECHARA, E. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 12. ed. São Paulo: Ática, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (orgs.). **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

DEMO, P. Instrucionismo e nova mídia. In: SILVA, M. (org.) **Educação on Line**. São Paulo: Loyola, 2003.

FIorentini, L. M. R. A perspectiva dialógica nos textos educativos escritos. In: FIORENTINI, L. M. R.; MORAES, R. A. (orgs.). **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCONATO, S. **A revolução do internetês**, 2010. Disponível em <<http://altamenteperecivel.blogspot.com.br/2010/09/revolucao-do-internetes-revista-lingua.html>> acesso em 15 jun. 2014.
- MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2000.
- MORAES, M. C. Educação a distância e a ressignificação dos paradigmas educacionais: Fundamentos teóricos e epistemológicos. In: MORAES, M. C.; PESCE, L.; BRUNO, A. R. (orgs.). **Pesquisando fundamentos para novas práticas na educação online**. São Paulo: RG Editores, 2008.
- MOREIRA, A. F. B.; KRAMER, S. Contemporaneidade, educação e tecnologia. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100, esp., p. 1.037-1.057, 2007.
- MORRISSEY, J. El uso de TIC en la enseñanza y el aprendizaje. Cuestiones y desafíos. In: **Las TIC: del aula a la agenda política**. Ponencias del Seminario internacional Cómo las TIC transforman las escuelas. Disponível em: <http://www.unicef.org/argentina/spanish/HIPE_Tic_06.pdf> acesso em 16 jun. 2014.
- PARO, V. H. **Administração escolar: introdução crítica**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. MCB University Press, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>> Acesso em 18 jun. 2014.
- PRETTO, N. D. L. Professores autores em rede. In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. D. L. **Recursos Educacionais Abertos – Práticas colaborativas e políticas públicas**. São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. Disponível em: <<http://www.artigos.livrorea.net.br/wp-content/uploads/2012/05/REA-pretto.pdf>> acesso em 16 jun. 2014.
- ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SANCHO, J. M. A tecnologia: Um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. In: SANCHO, J. M. (org.). **Para uma tecnologia educacional**. Tradução: Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTAELLA, L. A crítica das mídias na entrada do século XXI. In: PRADO, J. L. A. (org.). **Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas**. São Paulo: Hackers Editores, 2002.

SANTOS, E. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: conversando com os cotidianos. In: FONTOURA, H. A. da; SILVA, M. (orgs.) **Práticas pedagógicas, linguagem, mídias: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. p. 75-98. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf>> acesso em 18 jun. 2014.

SANTOS, E. Educação online para além da EAD: um fenômeno da cibercultura. In: **Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível em: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/pdfs/t12/t12c427.pdf>> acesso em 15 jun. 2014.

SOARES, M. B. **Letramento** – Um tema em três gêneros. Belo Horizonte, MG: CEALE / Autêntica, 1998 [2002].

TRIVINHO, E. **A democracia cibercultural: lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. São Paulo: Paulus, 2007.

VILARINHO, L. R. G. Práticas pedagógicas em ambientes virtuais de aprendizagem: um desafio da educação na cibercultura. In: FONTOURA, H. A. da; SILVA, M. (orgs.) **Práticas pedagógicas, linguagem e mídias: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões**. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. p. 138-175. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/ebook1.pdf>> acesso em 18 jun. 2014.